

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

23



Ἐπισημοῦς ἱστορικοῦ κέντρου τοῦ Πανεπιστημίου Ἀθηνῶν
καὶ τοῦ Πανεπιστημίου Ἰωαννίνων
ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

BODY, COSMOS AND ETERNITY: THE SYMBOLISM OF COFFINS IN ANCIENT EGYPT

Teve lugar no sumptuoso salão nobre da Reitoria da Universidade do Porto, a 22 de Fevereiro de 2013, o Simpósio Internacional «Body, Cosmos and Eternity: The Symbolism of Coffins in Ancient Egypt», uma boa iniciativa do CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar, Cultura, Espaço e Memória) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O tema central foi, conforme expresso no título do evento, os sarcófagos egípcios, mais concretamente alguns estudos sobre a organização simbólica dos seus elementos decorativos e arquitecturais, e a existência de alguns destes objectos em colecções portuguesas e estrangeiras.

Logo após uma breve e coloquial abertura, deu-se início à esperada fase das comunicações, com a de Rogério Sousa (CITCEM): «The Genealogy of Images: innovation and tradition in coffin decoration (21st Dynasty)». O egiptólogo português apresentou algumas das conclusões de um estudo (que continua a desenvolver) sobre os sarcófagos da Sociedade de Geografia de Lisboa, objectos ofertados a Portugal pelo Museu de Guiza em 1893, e oriundos de um dos famosos esconderijos (*cachettes*), em Bab el-Gassus. Para o seu estudo optou-se por uma divisão em secções e uma tentativa de compreensão dos simbolismos associados às representações. No «registo central», secção a que se reportam as ilacções apresentadas, são reconhecidos alguns elementos comuns à maioria dos sarcófagos, nomeadamente as deusas aladas (Nut, inicialmente) e escaravinhos solares (estes possivelmente relacionados, através da sua posição, com o coração), sempre no centro dos mesmos, funcionando como eixos a partir dos quais se reproduzem, de forma simétrica, uma série de outros elementos. Um dos objectivos da investigação é tentar identificar um *original scheme* a partir do qual se evoluiu, numa progressiva complexificação, para as ilustrações «orgânicas» e «esquemáticas» posteriores. Naturalmente, tendo em conta a profusão de dissemelhanças de ilustrações funerárias coevas, o estudo pretende contribuir para uma compreensão mais ampla das opções artísticas e simbólicas suas contemporâneas, e eventualmente para o estabelecimento

de padrões. Algumas conclusões são já identificáveis: uma tendência para a miniaturização iconográfica, um preenchimento cada vez mais completo dos espaços vazios (que Kara Cooney designou como «horror ao vácuo») ou um constante experimentalismo artístico, no interior do mesmo paradigma. Para o investigador, o sarcófago é «um edifício simbólico, arquitectónico», um microcosmos onde «se pretenderia representar a Duat».

Alain Dautant do CNRS, da Universidade de Bordéus, apresentou uma breve resenha sobre a localização de colecções de sarcófagos egípcios em França: «Third Intermediate Period Coffins in Museums of Southwest France». Entre as diversas peças, catalogadas já por Andrzej Nawiński, muitas estão ainda por estudar. Não obstante, alguns elementos são releváveis, não só pela presença quase constante como pela sua localização, tais como as asas (em deusas aladas, mas não só) que magicamente envolveriam o morto, e os olhos mágicos *udjat*, não só na superfície inferior/exterior, como, por vezes, na superfície lateral esquerda (do defunto). Um dos melhores exemplos desses «sarcófagos-amarelos» é o de Itneferamon, actualmente no Museu da Aquitânia. Sobre esta peça pode-se consultar o artigo de Dautant e Aufrère, no perfil do primeiro, na rede social «Academia.edu».

Luís Manuel de Araújo, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, numa das suas raras intervenções em inglês, fez uma breve apresentação dos sarcófagos egípcios das colecções portuguesas, dando natural ênfase aos do Museu Nacional de Arqueologia (analisados recentemente no âmbito do «Lisbon Mummy Project», projecto interdisciplinar que veio trazer novos contributos para o estudo das peças, em específico, e da paleontologia, em geral, com a descoberta do primeiro caso de cancro da próstata em indivíduos do Egipto antigo) e do Museu da Farmácia. Aqui, no sarcófago de Itierut podemos observar uma pouco usual (nos rostos femininos) coloração castanha da face, assim como oito babuínos (animal sagrado de Tot) na parte de trás do sarcófago, ladeando um grande pilar osírico *djed*.

Terminada a primeira parte da discussão, os trabalhos foram reiniciados com a comunicação sobre «Body and cosmos in Middle Kingdom coffins» do Doutor Rune Nyord do Christ's College de Cambridge. A questão colocada, que precipitou a sua exposição analítica e interpretativa foi: «qual a função ontológica do sarcófago?» O investigador salientou que todos os pormenores, desde a decoração, o alinhamento do corpo e dos membros, ou do sarcófago, não são, de todo, aleatórios. A iconografia, por exemplo, reveste-se de um cariz performativo (e não exclusivamente comunicativo), pretendendo recriar um estado mitológico inicial, com uma geografia própria, com o qual o defunto deveria contactar para perpetuar a sua existência. O sarcófago propriamente dito torna-se numa entidade que de certa forma limita e regula o microcosmos

que reproduz, nomeadamente na preservação da *maet*, ou na recriação de capítulos do «Livro dos Mortos», ou dos «Textos dos Sarcófagos», que pretendam ressuscitar o morto e\ou defendê-lo de certos perigos. Outra ideia transmitida, muito importante para as tentativas de definição do que se entende por «deuses egípcios», é a de que as divindades, forças fortemente impessoais (José das Candeias Sales), definem e determinam a sua função no tipo de relação que estabelecem com os outros deuses.

René van Walsem, professor da Universidade de Leiden, dissertou sobre o tema da «Architectonisation and “divinization” on Third Intermediate Period “stola” coffins». O egiptólogo holandês relevou as ilustrações mais propriamente arquitetónicas e estruturais, a começar pelas simplificadas representações palacianas da IV dinastia com as suas fachadas palatinas a rodearem o defunto. Depois da já referida complexificação de períodos posteriores, este, ao osirificar-se (tornando-se um deus) no Além, poderia assumir formas diversas, como no exemplo do sarcófago de Djedmontu, onde o antigo habitante do Egito do Terceiro Período Intermediário surge representado como um pássaro *ba* montando uma vaca de Hathor, tomando o lugar do rei.

A última comunicação do dia foi proferida através de videoconferência desde Los Angeles (Universidade da Califórnia), por Kathlyn (Kara) Cooney, sem que, no entanto, a dinâmica de comunicação tenha sido afectada. De facto, tratou-se de uma exposição bastante clara e vívida, na qual a investigadora americana versou sobre «Ramesside and 21st Dynasty coffins as instruments of social power: symbols of ideological, economic, political, military and sexual powers». Ao contrário de anteriores perspectivas, privilegiaram-se as funções social e económica da produção, ilustração e reutilização de sarcófagos. De uma forma geral, a posse e a pintura de um sarcófago era um elemento de diferenciação social. Contudo, no período compreendido entre a XIX e a XXI dinastias, diversos factores contribuíram para que a inovação iconográfica, individualizada, se tenha tornado importante para essa diferenciação. Uma das possíveis causas pode ter sido a reutilização de sarcófagos que, segundo um estudo (ainda em curso) destes objectos em alguns dos principais museus europeus, atingiu proporções consideráveis na referida fase. Assim, o novo dono teria de reinventar, ou permitir a reinvenção por parte dos artistas, de motivos iconográficos que o distinguissem não só das opções estilísticas dos seus contemporâneos (numa lógica de competição), como das de períodos anteriores. A investigadora resumiu da seguinte forma as causas para tão inusitada heterodoxia estilística: «social context: Amen priesthood at Thebes; ideological reasons: crisis driving innovation; political reasons: absence of king and centralized government; military reasons: lack of provisions for

tombs = necropolis insecurity; economic reasons: limited economic resources for coffins». De uma forma geral, a reutilização de sarcófagos é, também, consequência dos motivos apresentados.

A comunidade académica em geral e os interessados por assuntos do antigo Egipto em particular, que tiveram a oportunidade de assistir à sessão no Porto, ficaram certamente satisfeitos não só com tão profusa divulgação de conhecimentos relativos à problemática, como também pelo contacto com as várias aproximações, perspectivas e metodologias recentes da egiptologia na Europa.

João Camacho

NOVAS COLEÇÕES EGÍPCIAS PARTICULARES EM LISBOA

Mais duas pequenas coleções egípcias particulares existentes em Lisboa foram recentemente apreciadas e analisadas, aqui se juntando às que já são conhecidas, e cujos objetos foram estudados e publicados nos últimos anos. É o caso dos acervos particulares de Miguel Barbosa, de Rui Assis Ferreira, de Sam Levy e de Fernando Freitas Simões, que são os mais significativos, ou a de Luís Teixeira da Mota, com seis objetos, entre outras mais pequenas, como a de Barahona Possolo, que possui três peças, ou apenas as que possuem duas peças, como a de Amaral Cabral, a de Sá Nogueira e a de Luís Manuel de Araújo, além de mais algumas só com uma. Recentemente tivemos conhecimento de outra coleção privada existente em Lisboa, com cerca de trinta objetos, cujo estudo em breve será levado a cabo, ficando por agora a apresentação dos objetos das coleções João Bilhim e João Xavier.

Coleção João Bilhim

A coleção João Bilhim possui com uma estatueta funerária de faiança azul, numa coloração vitrificada conhecida pelo nome de «azul de Deir el-Bahari», feita para a dama Gautsechenu, considerada como sendo filha do sumo sacerdote Menkheperre, casada com Tjanefer, terceiro sacerdote de Amon. O nome da defunta tem a delicada tradução de «Ramo de lótus», sendo aqui a forma *sechenu* o plural de *sechen* (lótus).

A altura desta estatueta é de 9,8 cm e a largura é de 3,7 cm, assemelhando-se assim às dimensões de outras figurinhas conhecidas desta proprietária integradas noutros acervos nacionais e estrangeiros, públicos e privados.